

Biluquinha

Lá no sertão, mesmo que não tivesse calendário, chegasse dezembro a gente sabia, porque desde o princípio do mês, Maria Biluquinha aparecia nas casas, a pedir suas festas — e o fazia com tanta seriedade e convicção como se cobrasse dívida irrecorrível. Ninguém tinha coragem de negar. Primeiro, porque Maria Biluquinha pequena, esperta, simpática, trabalhadora, carregava nos olhos tanta ingenuidade, que era ver criança fazendo pedido. E era sincera, incapaz duma mentira, duma falsidade. Lembro que uma vez, um senhor da terra, famoso pela feiúra, estendendo uma cédula, lhe perguntou se o achava bonito. Biluquinha baixou os olhos, guardou um silêncio discreto. O homem insistiu, Maria sorriu encabulada, continuou muda. Mas, diante de outra insistência, não pôde recusar a resposta:

— É, pode ser que tenha quem ache, não é? Quem ama o feio bonito lhe parece. Mas, me desculpe, pros meus óio o senhor é horríve.

A segunda boa razão por que não lhe negavam o presente de Natal é que corriam às dezenas exemplos de pragas que ela rogava e tinham pegado. Quando lhe recriminavam o hábito de se vingar desta forma, que não cabia, allás, no contexto duma personalidade tão aparentemente inofensiva, ela se explicava com a maior calma:

— Sou eu não! É a justiça de Deus Nosso Senhor.

A terceira razão por que a atendiam sempre é que Biluquinha só pedia uma vez por ano. No mais, vivia do seu trabalho.

Como especialidade, era de torrar e pilar café à velha moda, mas, dependendo das circunstâncias e das necessidades, era de serviço geral, não escolhia. Ajudava na cozinha, lavava louça, lavava roupa, varria casa e, como era de toda confiança, freqüentemente, quando um casal saía em viagem, contratava Maria para ficar tomando conta das crianças. E tão depressa se fazia estimar que, terminada a temporada, os meninos pediam que a não deixassem partir. Mas Maria nunca abandonou a casa pobre em que fora criada e que ela própria ajudava a manter, como podia. Nunca mudou.

De estado civil era solteira, muito zelosa, aliás, da sua donzelice e muito orgulhosa do seu honesto passado. Se lhe interrogavam sobre alguma possibilidade de casamento, nos tempos de juventude, falava no seu "carapina", um que lhe mandara carta-missiva pedindo-lhe a mão. Marcava o mês e adiantava que haveria de ir morar no Iguatu, de onde viera, que lá tinha família e trabalho certo. Ao que Maria respondeu negativamente, alegando, como única razão, a lonjura do domicílio. Que não era doida para deixar a sua terra e se atacar por aí, com um homem estranho, mesmo com papéis passados na igreja e no civil. Foi uma que deixou de casar por motivo geográfico. Mas não se queixava, achava até que tinha saltado uma fogueira. Era assim que falava habitualmente:

— Já pensou, se eu tivesse casado, como eu já não tinha sofrido por esses mundo, com um bando de filhos?

Outra vez foi um homem da terra que enviuvou, homem pobre que nem ela, com prole numerosa e a profissão de botador d'água. Por esse tempo estava Maria na casa dos trinta, já beirando os quarenta, tinha entrado na Pia União das Filhas de Maria, se considerava aposentada das ambições casamenteiras. Quando o viúvo lhe formulou o pedido, Maria Biluquinha foi categórica:

— Ah, meu senhor, eu não dou mais conta de casamento, não!

E assim optou definitivamente pelo celibato.

Deu-se que Maria Biluquinha veio conhecer Fortaleza, com uma família que precisava da sua ajuda, acompanhando uma criança doente. Maria não podia negar, era gente muito do seu peito, — mas partiu com dor na alma e se despediu como se fosse empreender uma viagem ao Velho Mundo. Chorou na despedida, recomendou o pato que criava, o corrupião, o papagaio, o pé de bogari e pediu que não deixassem faltar, nos domingos, o buquê de jasmim que costumava levar ao Senhor Santo Antônio.

E, aqui em Fortaleza, passada a enfermidade da criança, a patroa, Dona Ednir, achou que lhe devia premiar a dedicação, mostrando-lhe a cidade, que ela conheceu maravilhada. O mar, principalmente, foi seu encanto maior. Quando lhe perguntaram se conhecia cinema, Maria respondeu com uma pergunta:

— Como era que eu havera de conhecer, se lá não tem?

Era o óbvio.

Pois Dona Ednir resolveu levá-la a conhecer o cinema. Foi com ela e duas filhas ao Cine Diogo (não ousou o São Luiz). E, lá, não encontrando lugar para todas na mesma fila — ficou Maria desgarrada, sozinha, três filas atrás. Surpreenderam justamente um filme mexicano, destes em que a personagem central é mulher de vida alegre, depois se regenera e segue um destes três caminhos: ou casa com um doutor (costumam muito casar com doutor, aquelas mulheres de cinema mexicano), ou vai ser freira ou vai ser mendiga. E há sempre um momento dramático, no auge do exercício da profissão de meretriz, em que pergunta ao homem que a quer desprezar:

— Piensas que soy una cualquiera?

E sendo...

Maria Biluquinha, do seu canto, acompanhava, como podia, o enredo do filme. E, num certo momento em que a dona estava se danando, cercada de homens, dando atenção a todos os que manifestavam suas evidentes Intenções, Maria Biluquinha não pôde conter sua justa revolta. Em geral tão tímida, não se agüentou, verbalizou em alta voz seu protesto junto à patroa:

— Dona Ednir! Ô Dona Ednir! Ô mulher galinha! Vam'bora que isto aqui é uma falta de vergonha!

Depois que a gargalhada geral cessou, Dona Ednir, discretamente, juntou as filhas e Maria Biluquinha e tomou o caminho de casa.